



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A NATUREZA EM MARX E ENGELS:

Contribuição ao debate da questão ambiental na atualidade

Eduardo Corrêa Morrone¹

Carlos Roberto da Silva Machado²

RESUMO: O artigo procura resgatar as concepções a cerca da natureza encontradas na obra de Karl Marx e Friederich Engels. Pretendo resenhar e discutir as obras de Karl Marx como “Formações Econômicas Pré-Capitalistas” (1857-8) e “Crítica ao Programa de Gotha” (1875) e de Engels “Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem” (1876). O objetivo é o de investigar quais os significados emitidos pelos autores quando tratam sobre a natureza nas obras acima citadas, entendendo que esta aproximação teórica, contribui com o processo de questionamento à Educação Ambiental contemplativa e preservacionista e, por outro lado, auxilia com a construção da proposta de Educação Ambiental transformadora e popular.

Palavras-chave: Natureza; Educação Ambiental; Karl Marx.

ABSTRACT: The article looks for bring to light the conceptions about the nature found in the Karl Marx and Friederich Engels work. I intend to review and to discuss the Karl Marx works as a “Precapitalist Economic Formations” (1875-8) and “Gotha’s Program Criticism”(1875) and Engels’ “About the role of the work in the Monkey to Man transformation “(1876). The aim is to investigate what are the meanings given off by the authors when treating about the nature in the works quoted above, understanding that this theoretical approach, have a hand in the action of the question about the conservationist and contemplative Environmental Education and, on the other hand, it helps with the construction of the proposal of the Environmental Education that has the characteristic of the transformation and it is popular.

Keywords: Nature; Environment Education; Karl Marx.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo central o resgate da obra de Karl Marx em especial, extraindo delas elementos de interesse relevante ao debate das relações entre os seres humanos e destes com os demais seres existentes no planeta terra na atualidade, bem como

¹ Agrônomo, especialista em Sociologia (PPGSociologia/UFRGS), mestrando em Educação Ambiental e Vice Prefeito de Santa Vitória do Palmar/Rio Grande do Sul.

² Prof. Dr. em Educação, coordenador do grupo de Pesquisa Política Natureza e Cidade/FURG/PPGEA.

através da história.³ A seleção dos extratos de obras dos autores evidenciam elementos que consubstanciam justificativas, por si só, sobre a pertinência de tais contribuições. No entanto, é notório que, o resgate dos manuscritos das *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*, já em meados do século passado,⁴ modificou muitas das interpretações posteriores da obra marxiana, especialmente a respeito da história da humanidade.⁵ Tanto é assim que, Eric Hobsbawn, um dos mais importantes historiadores da atualidade, na edição brasileira pela Paz e Terra, fez uma extensa introdução desta obra quando publicada em nosso país.⁶

Os outros dois textos, de Karl Marx, *Crítica ao Programa de Gotha*,⁷ e o de Engels, *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*,⁸ foram analisados, pois oferecem elementos importantes ao debate sobre estes dois autores. Nestas obras, destacam um lugar para a natureza, sugestivo e importante aos estudos da educação ambiental.⁹ Isto porque, o exercício de verificar como é abordada a questão da natureza nas obras de Marx, em nosso entender, contribui com a Educação Ambiental (EA), ao aprofundamento dos fundamentos da Educação Ambiental e à produção de abordagens crítica e emancipatórias, seja na superação das relações sociais que nos colocam como superiores, e, portanto, passíveis de exploração sem fim da natureza e dos demais seres vivos, bem como, ao contrário, das possibilidades de sua superação (seja destas relações sociais bem como do sistema as quais as mesmas estão consubstanciadas).

³ Neste caso, em particular, objeto de estudo da História Ambiental à qual vêm sendo estudada por Diego Cipriano e Carlos RS Machado (2009), dentre outros tantos autores brasileiros, latino-americanos, cubanos, americanos e europeus. Ver sites na internet sobre história ambiental (Wikipédia).

⁴ O texto foi escrito nos anos 1850-1860, nos estudos realizados por Marx na biblioteca de Londres, e somente veio a tona depois dos anos 1950, do século passado.

⁵ Em particular, no questionamento, à sucessão dos modos de produção – determinados por Stalin, em 1930, de que a história evoluía na seqüência seguinte: comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo e comunismo. Nesta obra, a riqueza das relações humanas e sociais com a natureza/ambientes físicos em diferentes regiões e continentes evidencia uma diversidade e complexidade para além desta simplificação.

⁶ Diga-se de passagem, que, ainda, na atualidade não foram publicados no Brasil, os livros conhecidos como Grundrisse, no qual tal texto faz parte. A edição brasileira foi confrontada com uma versão em espanhol publicada em Cuba pela Editora Política, ainda nos anos 1970.

⁷ Escrito como crítica as proposições do Programa de Partido Social-Democrata Alemão, também, é um texto pouco conhecido, e na seleção que fizemos podemos perceber um dos aspectos de sua riqueza e contribuição ao nosso debate sobre a natureza. Foi um dos últimos textos produzidos por Marx antes de sua morte.

⁸ Publicado nos anos 1870 por Engels, e podemos perceber algumas sutilezas do autor, inclusive, questionando aspectos tão em voga hoje, em relação ao vegetarianismo em nosso meio – da educação ambiental, ecologia, etc., quando o autor destaca as contribuições da carne, das proteínas, etc. na evolução pregressa dos humanos para serem o que são na atualidade. Podemos até questionar tal interpretação de Engels, no entanto, evidencia sua dedicação e acompanhamento deste debate já no século XIX.

⁹ Na disciplina Marx e a Natureza do PPGEA (Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG) na qual estudamos várias obras de Marx e Engels, desde *Teses de Feuerbach*, *Ideologia Alemã*, *Manifesto Comunista*, *Introdução Crítica à economia Política*, várias partes e capítulos de *O'Capital*, etc. selecionamos estes três textos para este artigo, visando uma introdução ao debate deste tema nos dois autores.

No entanto, é óbvio de que são existentes discordâncias entre os dois autores, e certamente, nas interpretações que fazem deles. Até porque, são pessoas diferentes e com trajetórias diferentes, mas o que ninguém pode ignorar e refutar é que ambos tinham e comungavam propósitos e utopias comuns e afinadas. Por isso, também, vale citar autores como Michael Lowy (França), John Belammy Forter (Inglaterra), Perry Anderson (Inglaterra), Hector Alimonda (Brasil)¹⁰, que podem corroborar nossas afirmações neste ensaio no sentido da combinação dos autores acima citados e considerando o tema do debate em tela.

A apresentação do artigo deve-se ao fato de acreditarmos que está em “jogo”, na realidade, no espaço de debate promovido pela educação ambiental diversos pontos de vistas, entre eles os que contribuem à superação do sistema capitalista e das relações sociais a ele subjacentes, às quais, amplia de maneira sem fim a exploração da natureza e dos seres humanos, por parte de alguns ricos e poderosos. E na tarefa de superação do sistema capitalista, Engels e Marx, podem contribuir muito, apesar de termos, também, a compreensão de que sua produção deve ser contextualizada, de que há limites e erros, pois foram seres humanos e não deuses.

Portanto, os autores (Marx e Engels) selecionados para nosso artigo pensam na superação da sociedade capitalista, pensam na emancipação e na libertação dos trabalhadores do planeta, e já pensavam, no século XIX, que a natureza estava sendo explorada/destruída pelo capitalismo,¹¹ que ela fazia parte das relações sociais e que o homem também é natureza. É claro que, não podemos exigir que eles tenham a compreensão da pertinência da questão ambiental, em sua amplitude, como temos agora, neste início de século XXI.

Mas, vamos aos artigos e às contribuições de Karl Marx e Engels.

2. Natureza nas Formações Econômicas Pré-Capitalistas

O primeiro texto, as *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*, escrito por Marx entre 1857 e 1858, na realidade foi um rascunho anterior a “Crítica da Economia Política” e ao “O Capital”, obra em que Marx, utilizando o materialismo histórico, resgata na história da humanidade a constituição do homem, sua relação com a natureza, as diversas formas de

¹⁰ Apesar de levantar questionamentos em partes de interpretações de Engels, o que por sua vez, não o exclui da parceria e das contribuições produzidas por Marx em conjunto.

¹¹ Um clássico neste sentido é a *Situação da Classe Operária na Inglaterra*, de Engels, na qual as condições ambientais, da poluição, da imundície nos rios, das condições subumanas de trabalho e de exploração dos seres humanos, são citadas por Michael Lowy, por exemplo, como um dos primeiros relatos da relação problemática do capitalismo com o meio ambiente natural e humano.

organizações sociais e as relações existentes entre as forças produtivas e as relações sociais de produção. Nas Formações Econômicas Pré-Capitalistas, as questões relacionadas com a natureza aparecem desde seu início, quando o autor abordava acerca das condições históricas do capital. Mais precisamente, diz Marx, que um dos pressupostos deste sistema social – o capitalismo - é “a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação – dos meios e do material de trabalho. Isto significa, acima de tudo, que o trabalhador deve ser separado da terra enquanto seu laboratório natural” (MARX, 1986, p.65). E foi isso que ocorreu, ou seja, o capitalismo monopolista teve que destruir e acabar com a pequena propriedade para se constituir enquanto tal, no século XIX, e XX. Noutra obra, o Manifesto Comunista (1848), Marx e Engels, com outros argumentos já tinham corroboram tal afirmativa, à qual nos estudos realizados por Marx são aprofundados.

A natureza, neste caso, é vista como substrato de produção, que se modifica pelo ser humano para seu benefício, para manter e melhorar suas condições de vida. Mas, na medida em que, os humanos ampliam seu domínio sobre a natureza aumentam também seu distanciamento daquela, e assim, se configurando a separação, que será justificada pelos teóricos e filósofos do capitalismo ao longo dos séculos XVIII e XIX. Mas, Marx reconhece que o homem na história, no processo de se afastar da natureza, produziu novas e mais aperfeiçoadas técnicas de produção de riqueza e de utilização dos recursos da natureza. No entanto, os frutos disso não foram divididos entre todos/as, mas sim apropriados por uma minoria de pessoas. Além disso, ao salientarem que, para o autor os humanos continuam sendo integrantes da natureza, onde seus corpos fazem parte da natureza, e que são produzidos ao transformarem a matéria prima em bens também se transforma neste processo.

o sujeito trabalhador é um indivíduo natural, um ser natural, da mesma forma a primeira condição objetiva de seu trabalho aparece como a natureza, a terra, como um corpo inorgânico. O próprio indivíduo não é apenas o corpo orgânico, mas, ainda, esta natureza inorgânica como sujeito. Esta condição não é algo que ele tenha produzido, mas algo que encontrou ao seu alcance, algo existente na natureza e que ele pressupõe (MARX, 1986, p. 81).

Para Marx os seres humanos são também natureza, não estão desligados da natureza (exterior), mas são constituidores de múltiplas relações pretéritas, presentes e futuras:

as condições originais de produção surgem como pré-requisitos naturais, como condições naturais de existência do produtor, do mesmo modo que seu corpo vivo , embora produzido e desenvolvido por ele, não é, originalmente, estabelecido por ele, surgindo antes como seu pré-requisito; seu próprio ser (físico) é um pressuposto natural não estabelecido por ele mesmo” (MARX, 1986, p. 83).

Os humanos ao modificarem a natureza modificaram-se juntamente, sendo que, quando passaram das formas nômades, que ocorriam nas comunidades primitivas, para

formas de organização sociais sedentárias, quando finalmente se fixaram em determinados locais a maneira como estas comunidades se modificavam dependia de várias “condições externas”. A natureza física dos locais onde se assentavam também dependia das formas como os homens se organizavam de “seu caráter tribal”. E, reitera dizendo que:

A terra é o grande laboratório, o arsenal que proporciona tanto os meios e objetos do trabalho como a localização, a base da comunidade. As relações do homem com a terra são ingênuas: eles se consideram como seus proprietários comunais, ou seja, membros de uma comunidade que se produz e reproduz pelo trabalho vivo (MARX, 1986, p. 67).

Marx continua sua reflexão dizendo que:

Por maiores que sejam os obstáculos que a terra possa opor aos que a trabalham e dela se apropriam, não é difícil estabelecer uma relação com ela, enquanto natureza inorgânica do indivíduo vivo, como sua oficina, meio de trabalho, objeto de trabalho e meio de subsistência do sujeito (MARX, 1986, p.69).

Mas é válido ressaltar que nos manuscritos de 1857-8 o autor referia-se à propriedade como local de vida e produção de bens para consumo onde afirma que “o relacionamento do trabalhador com as condições objetivas de seu trabalho é o de propriedade: esta constitui a unidade natural do trabalho com seus pressupostos materiais” (MARX, 1986, p.65). E que:

Originalmente, a propriedade significa nada mais do que a atitude do homem ao encarar suas condições naturais de produção como lhe pertencendo, como pré-requisito de sua própria existência; sua atitude em relação a elas como pré-requisitos naturais de si mesmo, que constituiriam, assim, prolongamentos de seu próprio corpo (MARX, 1986, p.85).

Assim ficou evidente que o autor não estava tratando da propriedade privada, e sim, da **apropriação** do resultado do processo de produção fruto da interação dos seres humanos (vistos como animais sociais) com os demais recursos da natureza. Portanto, neste caso destacamos que apropriação envolve relações sociais, e que, certamente, a propriedade privada é uma questão central no capitalismo, mas o foco deverá deslocar-se para as relações sociais de propriedade que são subjacentes a este sistema social. Em outras palavras, não basta acabar com a propriedade privada por decreto, como ocorreu na URSS, se não forem alteradas as relações sociais que fundamentam e dá consistência a propriedade privada capitalista.¹²

Após observar a historicidade das relações sociais comunitárias constituídas pelos germânicos, pelos romanos na antiguidade e pelos asiáticos, onde em todas as formas a

¹² Até porque, tais relações de propriedade extrapolam as formas materiais concretas – a terra, por exemplo – para outros espaços das relações humanas, inclusive das relações amorosas entre os seres humanos, nas quais, muitas vezes como vemos como “proprietários” ou “dependentes” uns dos outros em nossas vidas cotidianas.

propriedade da terra e a agricultura são as bases da economia e o objetivo econômico é a produção de valor de uso para a reprodução dos indivíduos, Marx diz que a

apropriação das condições naturais do trabalho se efetua não pelo trabalho (...) mas como condição preliminar do trabalho. O indivíduo, simplesmente, considera as condições objetivas do trabalho como próprias, como a natureza inorgânica de sua subjetividade, que se realiza através delas. A principal condição objetiva de trabalho, em si, não se mostra como produto do trabalho mas ocorre como natureza. De um lado, temos o indivíduo vivo, do outro a terra como condição objetiva de sua produção (MARX, 1986, p. 77).

Quando o autor elaborou sua reflexão acerca do homem, da produção e da riqueza, fez o seguinte questionamento:

o que é a riqueza, despida de sua estreita forma burguês, senão totalidade das necessidades, capacidades, prazeres, potencialidades produtoras, etc., dos indivíduos, adquiridas no intercâmbio universal? O que é, senão o pleno desenvolvimento do controle humano sobre as forças naturais – tanto as suas próprias quanto as da chamada natureza? (MARX, 1986, p.80)

E continua teorizando a respeito das relações dos seres humanos com a natureza, indicando que com o advento do capitalismo, com suas formas de produzir e pensar, cada vez mais os seres humanos são separados da sua posição original de vida, separados de sua vinculação direta com a natureza. Assim,

o que exige explicação não é a unidade dos seres humanos vivos e ativos com as condições naturais e inorgânicas de seu metabolismo com a natureza e, portanto sua apropriação da natureza; nem isto é o resultado de um processo histórico. O que tem de ser explicado é a separação entre essas condições inorgânicas da existência humana e a existência ativa, uma separação somente completada, plenamente, na relação entre trabalho assalariado e capital. (Marx, 1986, p.82)

O autor deixa evidente sua preocupação em desvendar a origem do capital, constituído pelas relações sociais e suas formas de produção, através de mudanças e alterações das relações sociais entre os humanos e destes com a natureza ao longo da história. Neste sentido, os humanos fazem parte da natureza e, ao interagirem no espaço físico, constituem as organizações sociais, as civilizações, as cidades, ou seja, dando origem ou produzindo uma especificidade enquanto seres humanos, e, portanto, produzindo a natureza humana. Natureza que poderíamos dizer ser diferente, da natureza primeira, a natureza física na qual ele teria emergido, mas também, diferente na natureza das coisas produzidas por ele ao transformar a primeira.

3. A Natureza em Crítica ao Programa de Gotha

Na *Crítica ao Programa de Gotha*, redigido em 1875, quase duas décadas após o manuscrito das *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*, Marx faz duras e embasadas críticas ao Programa elaborado pelo Partido Operário Alemão liderado por Lassalle. Isto porque, no início do programa é afirmado que o trabalho é a fonte de toda a riqueza, e poderíamos dizer atualizando o debate, de como alguns afirmam serem os trabalhadores a fonte de toda a riqueza. Ao redigir tais críticas inicia justamente pela temática da natureza postulando que ao contrário do que ficou expresso no programa, diz

o trabalho não é fonte de toda riqueza. A natureza é a fonte dos valores de uso (os valores de uso são, de fato, a riqueza real!) tanto quanto o trabalho, trabalho que é expressão de uma força natural, a força de trabalho do homem. Esta frase repisada encontra-se em todos os manuais e só é verdadeira se for subentendido que o trabalho é anterior, e é executado com todos os instrumentos e procedimentos que o acompanham. Mas um programa socialista não pode permitir que essa fraseologia burguesa omita as condições que, só elas, lhe podem dar sentido. Só enquanto o homem se coloca, desde o início, como proprietário em relação à natureza, a fonte primeira de todos os meios e objetos de trabalho, e a trata como se ela (a natureza) lhe pertencesse, é que o seu trabalho se converte em fonte de valores de uso e, portanto, em fonte de riqueza (MARX, 2004, p.125-126).

O trabalho, enquanto produtor de valores de uso, ao transformar as matérias primas da fonte primeira da natureza, assume neste sistema uma forma – equivalente – de valor de troca para aquele que é o proprietário dos meios de produção, e portanto, controla as relações sociais a ele subjacente. A natureza é anterior ao trabalho e ao trabalhador, e somente, no sistema capitalista que o trabalho assume a forma que tem hoje, de assalariado, e produtor de valores de uso e de troca. Neste caso, valor de uso para quem compra e valor de troca para quem vende. Tal sentido, duplo e contraditório – da mercadoria, diz Henri Lefebvre, ser um dos menos compreendidos da produção de Marx em o *Capital*, pois pressupõe um pensar dialético que articulado numa mesma “coisa” um duplo sentido e significado. Poderíamos extrapolar para as relações com a natureza, ou seja, a natureza pode ter um sentido para nós – não capitalistas – e outra, para os capitalistas, que somente a veriam como fonte de recursos e de lucros. Mas, Marx indicando que Lassalle e seus adeptos, com tais formulações se aproximavam de interesses e concepções das classes dominantes:

os burgueses têm razões de sobra para atribuir ao trabalho esse poder sobrenatural de criação: precisamente pelo fato de o trabalho estar na dependência da natureza se conclui que o homem que possuir apenas a força de trabalho será forçosamente, em qualquer estado [situação] social e de civilização, escravo de outros homens que se tornaram proprietários das condições objetivas do trabalho. Ele não pode trabalhar nem, por conseguinte, viver, a não ser com a autorização destes últimos (MARX, 2004, p.125).

As considerações de Marx no texto acima apresentado demonstram por um lado sua radical crítica ao programa elaborado pelo Partido Operário Alemão em Gotha no ano de 1875, crítica à política entreguista das lideranças partidárias, que com jogos de palavras, estavam defendendo posições burguesas, travestidas de transformadoras e radicais. Por outro lado, é nítida a postura teórica de Marx e seus fundamentos doutrinários construídos solidamente desde os tempos das Formações Econômicas Pré-Capitalistas, quando desvelava as relações sociais contraditórias que constituíram a história da humanidade e, desde essa época, já colocava sedimentos à interpretação das formas de exploração “dos homens sobre os homens” existentes no modo de produção capitalista e, propor a transformação da sociedade através da revolução proletária.

4. A Natureza em Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem

Engels por sua vez, em 1876, um ano após a crítica de Marx ao Programa de Gotha, procurou sintetizar a história da humanidade, escreve *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. E podemos perceber, neste texto, afinidades com as postulações de Marx comentadas anteriormente. No primeiro parágrafo de seu texto se refere ao significado da natureza, afirmando que: “o trabalho é fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas”, e assim, “é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza (ENGELS, 2004, p. 13). Neste caso, mais concretamente, podemos perceber afinamento entre as duas obras e ou citações.

Mas, também, evidenciam o profundo conhecimento da obra de Marx, ou melhor, da obra que construiu junto com Marx, como também o compartilhamento das posições e embates políticos da época. Engels demonstra que “o trabalho criou o próprio homem” e, por diversas vezes referia-se a natureza enquanto natureza física na qual o homem era parte importante e específica, mas que, iniciou a se diferenciar dos animais com o desenvolvimento de suas mãos, logo após criando meios de comunicação através da fala e com planejamento consciente de suas ações. Da mesma forma, após tecer forte questionamento aos cientistas naturalistas, os quais por influência idealista tinham dificuldade de observar o papel desempenhado pelo trabalho, diz que

a influência duradoura dos animais sobre a natureza que os rodeia é inteiramente involuntária e constitui, no que se refere aos animais, um fato acidental. Mas, quanto mais os homens se afastam dos animais, mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão (Engels, 2004, p. 26)

De acordo com o autor, os homens diferentes dos animais, modificam a “natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho” (ENGELS, 2004, p. 28). Entretanto, Engels diz que, tal condição “superior” fez com que os homens descuidassem do meio ambiente e o destruíssem, citando diversos casos históricos de degradações ambientais, e pode-se dizer que indicou de forma preventiva as devastações da natureza que estavam por vir e das reações da natureza. Assim, disse o autor que

a cada passo, os fatos recordam que nosso domínio sobre a natureza não se parece em nada com o domínio de um conquistador sobre o povo conquistado, que não é o domínio de alguém situado fora da natureza, mas que nós, por nossa carne, nosso sangue e nosso cérebro, pertencemos à natureza, encontramos-nos em seu seio, e todo o nosso domínio sobre ela consiste em que, diferentemente dos demais seres, somos capazes de conhecer suas leis e aplica-las de maneira adequada. (Engels, 2004, p. 29)

Observa-se que Engels, da mesma forma que Marx, deixou cristalizado em sua obra a participação do homem na natureza, de sua posição diferenciada ao comparar com as outras espécies vivas, de sua presença modificadora. Neste movimento a própria natureza humana é construída e modificada constantemente e, segundo o autor, com o surgimento do modo de produção capitalista, com o aparecimento da burguesia explorando os trabalhadores e degradando aceleradamente a natureza, nasceu a possibilidade histórica dos oprimidos construir a transformação por completo do modo de produção existente e, com ele, a ordem social vigente ao mesmo tempo em que ressignifique a relação das sociedades com a natureza, produzindo outras relações socioambientais.

5. Conclusões

Em primeiro lugar cabe destacar a sintonia das obras aqui citadas, poderia até mesmo indicar que o manuscrito escrito em 1857-8, muito mais que mostrar a base sólida do pensamento de Marx - constituído a partir de muito estudo e compromisso com os oprimidos e com a transformação social, demonstrou o alicerce das postulações posteriores do autor a respeito das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais encontradas em diversos momentos da história. Tudo leva ao entendimento que as *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* proporcionaram elementos teóricos utilizados nos anos seguintes, sejam na elaboração do *Capital* como nas obras comentadas neste artigo. Possivelmente, Marx e Engels na década de 1870, teceram críticas profundas não somente aos burgueses e ao modo de produção capitalista, mas, especialmente, contrariaram com radicalidade os teóricos

socialistas e naturalistas que escondiam a situação de miséria vivenciada pelos trabalhadores e oprimidos. Assim, “esses carneiros que se julgam lobos e assim são considerados”, dito por Marx e Engels em “A Ideologia Alemã”, retratou com clareza a posição dos autores frente aos ideólogos a serviço da burguesia e disfarçados de proletários.

Em segundo lugar, diríamos que a natureza foi tratada, enquanto categoria teórica, principalmente com dois significados. O primeiro, a natureza física, constituída por todos os elementos existentes no planeta e, entre eles a presença dos seres humanos enquanto espécie particular e diferenciada por suas relações socioambientais específicas, interagindo de diversas formas com a natureza e constituindo relações sociais nos diferentes momentos da história. O outro significado foi constituído em decorrência do primeiro, com a interação dos seres humanos no meio externo através do trabalho, que com o afastamento destes em relação à natureza criaram suas próprias formas de existência; as sociedades, as classes sociais, as civilizações. Afirmaríamos então, que assim apareceu a natureza humana a partir de muitas transformações físicas e sociais na história planetária, à qual não poderia ter ocorrido sem uma base primeira que é o ambiente natural. Tal natureza físico/inorgânica da qual emergiu o homem, decorrente do trabalho ou ao trabalhar acabou produzindo outra natureza, uma natureza humana, decorrente destas relações em processo permanente de fazer-se e re-fazer-se. Sendo assim, se foram os humanos entre si e com a natureza que fizeram as coisas do mundo, inclusive, as possibilidades de sua destruição (de tudo e de todos), poderemos, certamente, fazer de forma diferente, preservando todas as formas de vida e a natureza, para nós e as gerações futuras (MACHADO, et. all, 2008).

Por fim, podemos consignar a importância dos livros escritos há aproximadamente um século e meio e, no que se refere à questão ambiental, ou como contribuição à uma nova educação ambiental, através da produção de novas relações e conteúdos educativos entre os humanos e destes com a natureza, como expressamos neste trabalho ser fundamental na superação do capitalismo. A magnitude das teses de Marx e Engels para da atualidade são incontestáveis, especialmente pela incorporação da natureza enquanto categoria teórica em suas múltiplas significações e possíveis relações. A característica das obras que expressam o profundo estudo desenvolvido por Marx e Engels, o inconformismo frente às mazelas provocadas pelas classes dominantes, mas antes de qualquer coisa, indicam as possibilidades de transformação da sociedade, de construção da sociedade comunista através da luta dos trabalhadores organizados produzindo novas relações socioambientais, certamente, foi a utopia destes dois autores como é dos autores deste trabalho.

REFERÊNCIAS:

ENGELS, F. *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. In: RICARDO, Antunes (org). *A Dialética do Trabalho – Escritos de Marx e Engels*. São Paulo. Expressa Popular, 2004.

MARX, K. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. 5ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 1986.

MARX, K. *Crítica ao Programa de Gotha – Observações sobre o Programa do Partido Operário Alemão*. In: RICARDO, Antunes (org). *A Dialética do Trabalho – Escritos de Marx e Engels*. São Paulo. Expressa Popular, 2004.

MARX, K e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. 6ª ed. São Paulo. Hucitec, 1987.

MACHADO, Carlos RS ; Cipriano, Diego Mendes . *Contribuições teóricas ao estudo da História Ambiental da/na cidade*. In: 12º Encuentro de Geógrafos Latinoamericanos, 2009, Montevideu. Anales del 12º Encuentro de Geógrafos Latinoamericanos. Montevideu, 2009.

MACHADO, Carlos RS ; DANDENA, Fabiana ; GUATERIO, Daiane . *As três Naturezas e a Natureza das Três*. In: II Congresso Nacional de Alfabetização e Educação Ambiental, 2008, Rio Grande. CD Room - Congresso Nacional de Alfabetização e Educação Ambiental. Rio Grande : FURG NUPEPSO, 2008. v. 1. p. 1-15.